

Discípulos motivados pelo Reino e não pelo dinheiro: uma abordagem pragmalinguística de Lc 12, 13-21

*Disciples motivated by the Kingdom and not
by money:
a pragma-linguistic approach to Luke
12:13-21*

Adriano Lazarini Souza dos Santos

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise do texto de Lc 12,13-21 à luz da abordagem pragmalinguística buscando, na interação entre o universo do texto e o mundo do leitor, haurir pistas de ação inspiradas nesta perícopes sem paralelo sinótico, através da qual Lucas alerta seus destinatários a respeito do perigo da acumulação de bens materiais. Situada dentro da macro seção da viagem de Jesus a Jerusalém (9,51-19,46), onde Lucas deixa transparecer fortes traços de sua visão teológica, a perícopes de 12,13-31 aparenta ser uma instrução pragmática da vida comunitária referente à atitude diante dos bens materiais, com especial atenção ao correto uso das riquezas e, principalmente, a confiança na providência de Deus. As pautas de ação destacadas por expoentes da pragmalinguística tocam temas muito pertinentes na atualidade, tais como: 1) Isolamento dos afortunados que perdem a salvação por sua falta de solidariedade; 2) Uma vida sem

Deus: o ateísmo prático; 3) A confiança em Deus como a verdadeira segurança ante as inquietações da vida; 4) Ética social: nossa atitude e responsabilidade frente ao dinheiro; 5) Dinheiro: meio de comunhão fraterna – um desafio e questionamento sempre novos; nova mentalidade e atitudes.

Palavras-chave: Evangelho de Lucas. Pragmalinguística. Bens Materiais. Ética Social.

Abstract

The present article aims to present an analysis of the text of Luke 12:13-21 in light of a pragmalinguistic approach, seeking, in the interaction between the text's universe and the reader's world, to draw clues for action inspired by this unique synoptic pericope, through which Luke warns his recipients about the danger of accumulating material goods. Situated within the macro section of Jesus' journey to Jerusalem (9:51-19:46), where Luke reveals strong traces of his theological vision, the pericope of 12:13-31 appears to be a pragmatic instruction on community life regarding one's attitude towards material possessions, with special attention to the proper use of wealth and, above all, trust in God's providence. The action guidelines highlighted by proponents of pragmalinguistics touch on very pertinent contemporary themes, such as: 1) Isolation of the fortunate who lose salvation due to their lack of solidarity; 2) Life without God: practical atheism; 3) Trust in God as true security amid life's anxieties; 4) Social ethics: our attitude and responsibility towards money; 5) Money: a means of fraternal communion – an ever-new challenge and questioning; a new mindset and attitudes.

Keywords: Gospel of Luke. Pragmalinguistics. Material Possessions. Social Ethics.

Introdução

No seu evangelho, Lucas coloca um grave acento na questão dos bens materiais chegando a dedicar amplas seções de sua obra. Na perícopre que será analisada (12,13-21), ao tratar da vigilância na perspectiva do

advento do Reino de Deus, o evangelista faz importante alerta quanto aos perigos da ambição/ganância (πλεονεξία). Esta temática será exposta tendo em vista os pressupostos da perspectiva pragmatolinguística que busca, a partir da sincronia, contemplar a interação entre o universo do texto e o mundo do leitor-modelo e empírico. Este encontro fecundo permitirá a descoberta de pistas de ação para o contexto atual.

1. Contexto, cotexto e estrutura narrativa da perícopé

A perícopé analisada faz parte do grande bloco do evangelho comumente designado como narrativa da viagem a Jerusalém, compreendendo a seção de 9,51-19,28/48, variando de extensão entre os versículos 28 ou 48 quer se admita ou não os episódios da entrada em Jerusalém e a purificação do templo.¹ Lockmann subdivide-a em seis partes, delimitadas pelos usos do verbo poreuomai (viajar): 1) “Viajar para Jerusalém” (9,51-56); 2) “E viajando eles pelo caminho” (9,57-10,37); 3) “viajando eles” (10,38); 4) “E viajava Jesus através de cidades e aldeias... Jerusalém” (13,22); 5) “Aconteceu que em viagem para Jerusalém...” (17,11-19,27); 6) “E dito isso, viajava Jesus subindo para Jerusalém” (19,28).²

Compreendido dentro da terceira seção assinalada acima por Lockmann, o capítulo doze traz à tona novamente o embate entre Jesus e os fariseus, representados com a imagem do fermento da hipocrisia (12,1). Dentro do evangelho lucano, o enfrentamento se inicia em 11,37-57, por ocasião de uma refeição na casa de um deles, quando este observa o não cumprimento dos rituais de purificação prévios à refeição por parte de Jesus e se amplifica no ensinamento sobre o fermento dos fariseus em

¹ Lockmann apresenta esta variação da delimitação do término da seção da viagem de Jesus a Jerusalém no evangelho segundo Lucas a partir de alguns autores. Trampf assinala o texto de 19,28, com a entrada em Jerusalém como o final da seção. Já Conzelmann preferiu encerrar este tema em 19,27, considerando Jerusalém um novo tema a ser desenvolvido. Tannehill, por sua vez, põe o fim da seção em 19,41-44, quando Jesus chora sobre Jerusalém, excluindo a entrada e purificação do templo. Fearghail, Bailey e o próprio Lockmann consideram que a mesma se encerra em 19,48 uma vez que a partir de 20,1 vêm à luz a paixão e a ressurreição como temas principais e concretizações das prolepses veiculadas durante a viagem. LOCKMANN, P., O interlucano, p. 111-112.

² LOCKMANN, P., O interlucano, p. 109-110.

12,1-3, dando ensejo para que Jesus faça uma série de instruções diante dos discípulos e de uma multidão até 13,9, uma vez que no v.10 há um indício de transição temporal, ao situar o sábado como o dia subsequente. “A ordem redacional de Lucas 12 prossegue agora com a escatologia, enquadrado em uma situação narrativa (12,13-21) e de locuções parenéticas e proféticas (12,22-59).”³ Em se tratando do contexto e dos destinatários, Lockmann denomina o capítulo como “palavra pastoral escatológica”, enquanto palavra de consolação à igreja de Lucas perseguida e abalada com o atraso da Parusia.⁴ Casalegno (2003, p. 139) emoldura o texto na subseção intitulada “a necessidade da conversão” (12,13-13,21) e afirma que mediante a perícopes “convida-se os fiéis a conservarem-se puros do pecado da avareza, procurando em primeiro lugar o reino de Deus que constitui a verdadeira riqueza de quem acredita (12,22-32.33-34).”⁵

Grilli, por sua vez, articula a macro-seção da viagem a Jerusalém em três arcos narrativos: a) 9,51-13,21; b) 13,22-17,10; c) 17,11-19,28. O texto em estudo está compreendido no primeiro, “no qual o autor orienta a atenção para os discípulos e as exigências do discipulado [...] manifestando aspectos interessantes da fé e da ética lucana.”⁶ Baseada nos estudos de Székely, pautados numa leitura do evangelho com um olhar sobre Atos dos Apóstolos, Guimarães propõe uma articulação da seção da viagem em quatro seções: “1) 9,51-56: o divino convidado e seus embaixadores; 2) 11,1-13,21: a cegueira e o fermento dos fariseus; 3) 13,22-17,10: quem comerá o banquete do Reino?; 4) 17,11-19,28: quando e onde (virá o Reino de Deus)?”⁷

Quanto à delimitação da perícopes, além dos títulos editoriais óbvios das diferentes versões do Novo Testamento, faz-se necessário apontar alguns elementos importantes para a correta demarcação de sua extensão. Em primeiro lugar, quanto à localização do episódio, Lucas

³ LOCKMANN, P., O interlucano, p. 160.

⁴ LOCKMANN, P., O interlucano, p. 162.

⁵ CASALEGNO, A., Lucas, p. 139.

⁶ GRILLI, M., Vangeli sinottici e Atti degli apostoli, p. 240-241.

⁷ GUIMARÃES, A., O encontro na viagem de Jesus rumo a Jerusalém (9,51-19,46) e a cultura do encontro nas viagens de Francisco, p. 34-35.

não se preocupa em precisa-lo, há apenas uma vaga menção da viagem de Jesus, da entrada num certo povoado (10,38), da sua hospedagem na casa de Marta e Maria (Betânia? Jo 11,1) (10,39). Posteriormente, no capítulo 11 vê-se Jesus “em certo lugar” (11,1) ensinando a oração do pai-nosso e ensinando os discípulos e as multidões. Em 11,37 Jesus é convidado por um fariseu para a refeição. A observação por parte do fariseu de que Jesus não fez as abluções rituais prévias ao almoço serve de ocasião para Jesus criticar o “fermento” dos fariseus, a hipocrisia. Ao sair da casa do fariseu, novamente a multidão e os discípulos se reúnem ao entorno do Senhor e Ele continua seus ensinamentos. Tem-se a impressão de ser um longo e interminável dia, sem que se possa dizer mais que isso.

Em segundo lugar, a fórmula introdutória *Εἶπεν δὲ τις* (e alguém disse, v.13), formada por um verbo, uma conjunção coordenada copulativa seguida de pronome indefinido assinalam o início do texto.⁸ Já o término da perícopé é demarcado em contraposição ao v.22, quando “a construção *eipen pros* (= disse a) com acusativo (*mathetas* = discípulos)”, faz a transição de um discurso proferido para a multidão para um discurso direcionado aos discípulos.⁹

A organização interna da perícopé de 12,13-21, em síntese, está articulada em um episódio (13-14), reafirmado através de uma asseveração de Jesus (15), exemplificado com uma parábola (16-20) com uma conclusão em forma de sentença sapiencial (21).

De acordo com Garland, a parábola, que serve como exemplo negativo, divide-se em quatro movimentos: a terra produzindo uma colheita abundante (12,16), o problema de como armazenar essa abundância (12,17), a solução para construir novos celeiros (12,18-19) e a ação direta de Deus no julgamento (12,20).¹⁰

⁸ CHRUPCALA, L. D., *Il Vangelo di Luca*, p. 371.

⁹ FITZMYER, J., *El Evangelio según Lucas III*, p. 462.

¹⁰ GARLAND, D., *Zondervan exegetical commentary series on the New Testament*, p. 511.

2. Aspectos formais e literários da comunicação

Para se abeirar do valor semântico de um texto em sua estratégia comunicativa é tarefa fundamental a explicitação das estruturas narrativas de base. Segundo Guidi, tal importância se dá em razão de “fornecer a estrutura hermenêutica mediante a qual o leitor é chamado a compreender determinada comunicação textual.”¹¹

Pano de fundo	Primeiro plano	Discurso Direto
	^{13a} Εἶπεν δέ τις ἐκ τοῦ ὄχλου αὐτῶ·	^{13b} διδάσκαλε, εἰπέ τῷ ἀδελφῷ μου μερίσασθαι μετ’ ἐμοῦ τὴν κληρονομίαν.
	^{14a} ὁ δὲ εἶπεν αὐτῶ·	^{14b} ἄνθρωπε, τίς με κατέστησεν κριτὴν ἢ μεριστὴν ἐφ’ ὑμᾶς;
	^{15a} Εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς·	^{15b} ὁρᾶτε καὶ φυλάσσετε ἀπὸ πάσης πλεονεξίας, ὅτι οὐκ ἐν τῷ περισσεύειν τινὶ ἢ ζῶῃ αὐτοῦ ἐστὶν ἐκ τῶν ὑπαρχόντων αὐτῶ.
	^{16a} Εἶπεν δὲ παραβολὴν πρὸς αὐτούς λέγων·	
	Distribuição da comunicação interna à parábola	

¹¹ GUIDI, M., A questão contextual, p. 74.

16b ἄνθρωπου τινὸς πλουσίου εὐφόρησεν ἡ χώρα.	17a καὶ διελογίζετο ἐν ἑαυτῷ λέγων·	17b τί ποιήσω, ὅτι οὐκ ἔχω ποῦ συνάξω τοὺς καρπούς μου;
	18a καὶ εἶπεν·	18b τοῦτο ποιήσω, καθελῶ μου τὰς ἀποθήκας καὶ μείζονας οἰκοδομήσω καὶ συνάξω ἐκεῖ πάντα τὸν σῖτον καὶ τὰ ἀγαθὰ μου
		19 καὶ ἐρῶ τῇ ψυχῇ μου· ψυχή, ἔχεις πολλὰ ἀγαθὰ κείμενα εἰς ἔτη πολλά· ἀναπαύου, φάγε, πίε, εὐφραίνου.
	20a εἶπεν δὲ αὐτῷ ὁ θεός·	20b ἄφρων, ταύτη τῇ νυκτὶ τὴν ψυχὴν σου ἀπαιτοῦσιν ἀπὸ σοῦ· ἃ δὲ ἠτοίμασας, τίनि ἔσται;
		21 οὕτως ὁ θησαυρίζων ἑαυτῷ καὶ μὴ εἰς θεὸν πλουτῶν.

Pano de fundo	Primeiro plano	Discurso
	13a Alguém do meio da multidão disse-lhe:	13b “Mestre, diga ao meu irmão que reparta comigo a herança”.

	^{14a} Ele, porém, respondeu-lhe:	^{14b} “Homem, quem me constituiu juiz ou partilhador sobre vós?”
	^{15a} Então disse-lhes:	^{15b} “Olhai e guardai-vos de toda avareza, porque a vida de alguém não consiste na abundância de bens que ele possui”.
	^{16a} Preferiu-lhes, então, uma parábola dizendo:	
	Distribuição da comunicação interna à parábola	
^{16b} A terra de certo homem rico teve uma grande produção	^{17a} E ele arrazoava em si mesmo dizendo:	^{17b} “Que farei, pois não tenho onde juntar todos os meus frutos?”
	^{18a} E disse:	^{18b} “Farei isto: derrubarei meus celeiros e edificarei maiores e juntarei ali toda a produção e todos os meus bens”.
		¹⁹ “E direi à minha alma: Alma, tens muitos bens armazenados para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te”.

	^{20a} Mas Deus lhe disse:	^{20b} “Insensato, esta noite a tua alma te será exigida. Então o que preparaste, para quem ficará?”
		²¹ “Assim é o que entesoura para si mesmo mas não é rico para Deus”.

Analisando a forma como a comunicação está distribuída, nota-se, em primeiro lugar, uma quase total ausência do pano de fundo na narrativa. Há apenas o v.16b que serve como *background* da parábola contada por Jesus. Para conseguir este dado, faz-se necessário exceder os limites da perícopes até 12,1, onde o autor situa Jesus com seus discípulos diante de uma multidão.

Na primeira sequência (vv.13-14), predominam verbos no tempo aoristo, com significativa utilização de variações de λέγω, referindo-se ao ato de dizer, falar, discursar. “O aoristo indicativo, forma verbal narrativa por excelência, denota morfematicamente o aspecto pontual, enquanto seu morfema temporal o situa no passado.”¹² A segunda sequência (v.15), por sua vez, varia os tempos infinitivo, indicativo e imperfeito. Na terceira seção (vv.16-20), constata-se a predominância de verbos no indicativo. “O modo indicativo é, primariamente, o modo da afirmação ou da negação ‘não-qualificadas’, e inclui exclamações e perguntas relativas a tais asserções. No indicativo não há dúvida ou contingência implícitos.”¹³ Conclui-se com uma sentença (v.21) cujos verbos estão no particípio e aparentam cumprir função predicativa do sujeito da parábola.

O aspecto mais interessante a ser destacado na observação do tecido narrativo é a concentração discursiva da comunicação.

¹² MATEOS, J., El aspecto verbal en el Nuevo Testamento I, p. 58.

¹³ LASOR, W., Gramática sintática do grego do Novo Testamento, p.35-36.

3. A coerência comunicativa

De acordo com Wolter, “a coerência das partes deste texto é estabelecida através da isotopia semântica das respectivas palavras-chave, pois todas se referem à posse de bens materiais (κληρονομίαν, πλεονεξίας, ὑπαρχόντων, πλουσίου, ἀγαθά, θησαυρίζων, πλουτῶν).”¹⁴ No evangelho de Lucas existem três grandes seções durante a viagem para Jerusalém nas quais Jesus adverte a multidão e os discípulos sobre o uso e o perigo das riquezas (12,13-34; 16,1-31; 18,18-30). Segundo a análise de Tannehill, a insistência neste tema liga-se ao retrato da primeira comunidade em Atos, que tinham “todas as coisas em comum” (2,44).¹⁵

O âmbito semântico grego dos vocábulos derivados e ligados à πλεονέκτης, πλεονεκτέω, πλεονεξία referem-se: “o grupo de palavras significa antes de tudo a) *ter mais* (πλεονέκτης formado a partir de πλεόν εἶχειν mais o sufixo της); b) *receber mais*; finalmente c) *querer ter mais*. Desde os seus primeiros testemunhos literários não parece aplicar-se exclusivamente à posse material.”¹⁶

No Antigo Testamento, versão da LXX, vocábulos referentes a esta temática ocorrem esporadicamente. A literatura profética denuncia e adverte sobre o enriquecimento ilícito conseguido pelos poderosos por meios violentos (Jr 22,17; Ez 22,27; Hab 2,9). O texto de 2Mac 4,50 emprega o termo πλεονεξία para designar a impiedade da cobiça, naqueles que buscam ganhos mediante suborno. O orante do Sl 119, por sua vez, numa longa prece suplica a Deus que o livre da ganância: “Inclina meu coração para os teus ensinamentos, e não para a avareza” (v.36 – versão CNBB).¹⁷

No Novo Testamento, a maioria das ocorrências de palavras ligadas ao campo semântico de πλεονεξία encontra-se na literatura paulina, sendo 15 de um total de 19 menções. As aparições fora dos textos paulinos são: Mc 7,22; Lc 12,15 e 2 Pd 2,3. 13ss. Em Mc 7,22, esta palavra é incluída num catálogo de vícios que tornam a pessoa impura e caracterizada como “ambição desmedida”. “As πλεονεξίαι serão os impulsos da ganância de

¹⁴ WOLTER, M., The Gospel According to Luke, p. 141.

¹⁵ TANNEHILL, R., The narrative unity of Luke-Acts a literary interpretation, p. 247.

¹⁶ DELLING, G., πλεονέκτης, πλεονεκτέω, πλεονεξία, p. 585.

¹⁷ FINKENRATH, G., Avareza, ganância, amor ao dinheiro, p. 170.

possuir, que levam a enganar os outros.”¹⁸ Lc 12,15 traz uma admoestação moral que visa a proteção contra a ganância de bens como forma de garantir a vida. Em 2Pd, refere-se aos falsos profetas, avarentos e aproveitadores das comunidades cristãs.

13-14 Nesta parte, mediante o recurso literário da pergunta feita por um homem da multidão, Lucas introduz uma nova temática. O contexto é uma disputa pela divisão de uma herança, cujas leis judaicas regulatórias estão em Nm 27,1-11; 36,7-9 e Dt 21,16-17. Na refutação feita por Jesus em ser o árbitro da disputa ecoam também reminiscências de Ex 2,14, quando Moisés é confrontado em seu papel de líder por um dos participantes da questão. “Lucas necessita desta ocasião para introduzir a advertência de Jesus contra a ambição (πλεονεξία) no v.15.”¹⁹ De forma indireta, o interlocutor é chamado a refletir sobre a verdadeira identidade e missão do Profeta escatológico.²⁰

15 O versículo 15 é a chave de interpretação da perícopé, através do qual Lucas problematiza “a atitude em relação aos bens materiais e sobre o verdadeiro valor destes.”²¹ A ambição/ganância (πλεονεξία) “pode denotar a busca por posição social elevada, bem como o desejo insaciável de riqueza, embora no mundo de Lucas essas duas imagens estão intrinsecamente relacionadas.”²² Aliás, a libertação de todos os obstáculos ao Reino de Deus, dentre os quais o apego às riquezas representa uma grande tentação, é uma experiência cristã original e Lucas faz da mesma tema recorrente em seu evangelho (3,11; 5,11.28; 6,30; 7,5; 11,41; 12,33-34; 14,13.33; 16,9; 19,8; At 9,36; 10,2.4.31).²³

16-21 O ensinamento do v. 15 é emoldurado por uma parábola. Este gênero literário é aplicado aqui como “um relato exemplar, uma ilustração por via negativa, onde o ‘antivalor’ é posto em cena diretamente e não de maneira imaginária e simbólica.”²⁴ Ela é colocada no contexto da escatologia do Reino de Deus, para a qual deve-se estar vigilante.

¹⁸ DELLING, G., πλεονέκτης, πλεονεκτέω, πλεονεξία, p. 603.

¹⁹ WOLTER, M., The Gospel According to Luke, p. 141.

²⁰ ROSSÉ, G., Il Vangelo di Luca, p. 494.

²¹ RIVERA, J., El buen uso de las riquezas, p. 139.

²² GREEN, J., The gospel of Luke, p. 488-489.

²³ MASINI, M., Luca, p. 133.

²⁴ RIVERA, J., El buen uso de las riquezas, p. 140.

No v. 16, Lucas detalha a situação do homem rico e sua fortuna. Trata-se de um homem solitário, dono de vastas terras produtivas, acometido pela ambição (πλεονεξία). “O termo grego *pleonexia* retrata a aspiração a querer sempre mais, por isso é sinônimo de cupidez, desejo imoderado, irreprímível dos bens que ao final não satisfazem o homem.”²⁵

Entre os versículos 17-19, dá-se o monólogo interior do homem rico a respeito de como armazenar sua colheita e gozar a vida. Ele planeja uma série de ações sequenciais tais como descansar, comer, beber, festejar. Isso revela a sua autossuficiência, uma vez que as ações frisadas conotam prazer e gozo individual, luxo e conforto. Ele deseja estas realidades com a totalidade do seu ser (ψυχή).

Na literatura antiga, estes são os verbos típicos para descrever uma vida cômoda e abençoada; recordam parcialmente o solilóquio de Sir 11,19 e a afirmação de Ecl 8,15 onde lemos: ‘o homem não possui outra felicidade debaixo do sol, a não ser comer, beber e festejar’ (Idem Tb 7,10).²⁶

Eis que no v.20, Lucas coloca a intervenção de Deus diante dos planos do homem. Ele é caracterizado como insensato/estulto (ἄφρων). “εἶπεν δὲ αὐτῷ ὁ θεός· ἄφρων, ταύτη τῇ νυκτὶ τὴν ψυχὴν σου ἀπαιτοῦσιν ἀπὸ σοῦ· ἃ δὲ ἠτοίμασας, τί νῦν ἔσται;” (Lc 12,20) “Na literatura de sabedoria judaica uma pessoa é considerada como insensato quando não age de acordo com a ordem do mundo (Pr 12,1.16; 14,16.29; Sir 20,7).”²⁷ O paralelo veterotestamentário mais próximo pode ser encontrado em Sir 11,18-20, que compartilha muitos dos temas e vocabulários empregados na parábola. “Há quem se enriquece por avareza; esta será a sua recompensa: Quando ele disser: ‘Encontrei descanso, agora comerei dos meus bens’, não sabendo quando virá aquele dia, deixará tudo a outros e morrerá.”

Deus reduz sua presunção de muitos dias de vida para o infortúnio de uma morte repentina. “O drama da situação está justamente na extrema insegurança da vida mesmo para quem está ou pode estar, em aparência, extremamente seguro. Ao lado dos celeiros, todos os outros bens podem ser colocados: saúde, poder, dinheiro.”²⁸ Lucas é mais

²⁵ SPINETOLI, O., Luca, p. 429.

²⁶ ROSSÉ, G., Il Vangelo di Luca, p. 496.

²⁷ WOLTER, M., The Gospel According to Luke, p. 145.

²⁸ SPINETOLI, O., Luca, p. 430.

incisivo ao destacar a condenação do homem rico. “O fazendeiro rico não é tratado meramente como uma vítima das vicissitudes da fortuna, mas é denunciado como um tolo diretamente por Deus (v. 20).”²⁹

A leitura proposta do versículo como recomendando uma transferência de riqueza para Deus não apenas torna Lucas 12,21 uma conclusão adequada para a parábola do rico insensato, mas também é coerente com o discurso mais amplo de Lucas 12,13-34, um tratamento estendido sobre o assunto da atitude adequada em relação ao uso de bens.³⁰

Finalmente, no v.21 é apresentado o critério fundamental mediante uma inversão na lógica do relato. Jesus ensina a ajuntar tesouros no céu. “οὕτως ὁ θησαυρίζων ἑαυτῷ καὶ μὴ εἰς θεὸν πλουτῶν.” (Lc 12,21). O que significa? A resposta será dada nos versículos 33-34: ³³Πωλήσατε τὰ ὑπάρχοντα ὑμῶν καὶ δότε ἐλεημοσύνην· ποιήσατε ἑαυτοῖς βαλλάντια μὴ παλαιούμενα, θησαυρὸν ἀνέκλειπτον ἐν τοῖς οὐρανοῖς, ὅπου κλέπτῃς οὐκ ἐγγίζει οὐδὲ σὴς διαφθείρει· ³⁴ὅπου γὰρ ἔστιν ὁ θησαυρὸς ὑμῶν, ἐκεῖ καὶ ἡ καρδιά ὑμῶν ἔσται. (Lc 12, 33-34) “Vendei vossos bens e dai esmola. Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói. Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”

Além disso, o v. 33 indica que εἰς θεὸν πλουτῶν é praticado concretamente por meio da esmola; uma leitura beneficiária da expressão, portanto, se encaixa bem com a ideia de esmola como um empréstimo a Deus, um conceito encontrado não apenas na literatura sapiencial do AT, mas também nas interpretações patrísticas dessa mesma parábola. Finalmente, a imagem de emprestar a Deus é bem coerente com a representação no v. 33 de dar esmolas como fundos para um tesouro no céu.³¹

Em síntese, a parábola ensina “a abertura a Deus e ao próximo: doar a vida para que todos tenham vida.”³² Este é um tema muito especial para a teologia lucana: o correto uso dos bens terrenos.

²⁹ NOBLE, J., Rich toward God, p. 314.

³⁰ NOBLE, J., Rich toward God, p. 313.

³¹ NOBLE, J., Rich toward God, p. 318.

³² RIVERA, J., El buen uso de las riquezas, p. 151.

Seria excessivo imaginar - muito mais escultados apenas pelos famosos textos de Atos - que Lucas propõe uma espécie de “comunismo cristão”; mas parece inegável que ele quer sugerir, no âmbito das igrejas, uma circulação mínima de bens, naturalmente livre e espontânea, que alivie, pelo menos entre os discípulos de Jesus, as ferozes injustiças que poluem o mundo.³³

Do ponto de vista da retórica, a perícopé faz parte da sequência que compreende a seção de 12,1-13,21, denominada por Meynet como “saber julgar agora, em função do fim.”³⁴ O tema articulador é o discurso de Jesus sobre o fermento dos fariseus e o do reino dos céus, presente em 12,1-3 e finalizado em 13,17-21. Situado na segunda subsequência (12,4-34). “Estes trinta versículos estão organizados em três passos: dois discursos (4-12 e 22-34) enquadram uma parábola (16-21) numa situação (13-15).”³⁵

Especificamente, o texto de 12,13-21 é composto em forma concêntrica. Um relato (13-14) fornece a ocasião para uma parábola (16-21), incluindo uma advertência contra a ambição no centro (15).³⁶

A interpretação que emerge sob as lentes da retórica convida o leitor a confiar sua vida à providência de Deus, Senhor e fonte da vida. Ele é o tesouro que deve ser almejado e buscado com todo esforço. Outro elemento fundamental é haurido a partir da recusa de Jesus em ser árbitro numa questão de ambição por herança. “O homem não é juiz de si mesmo, não pode se avaliar com o peso das próprias riquezas, na medida das coisas acumuladas; será Deus quem pesará a sua alma [...]”.³⁷ Por isso, a atitude básica sugerida é a da confiança em Deus e do discernimento ante a tentação sempre presente de absolutizar os bens terrenos.

Por isso é insensato aquele que pensa que o dinheiro é tudo. A sensatez de Jesus segue por outro caminho. Vai pelo caminho que conduz direto à felicidade compartilhada. Esta, sim, está a nosso alcance. Dar ao que não tem, compartilhar com o que necessita do indispensável, proporcionar

³³ LÀCONI, M., *San Lucas y su iglesia*, p. 53.

³⁴ MEYNET, R., *Il Vangelo secondo Luca*, p. 395.

³⁵ MEYNET, R., *Il Vangelo secondo Luca*, p. 400.

³⁶ MEYNET, R., *Il Vangelo secondo Luca*, p. 404.

³⁷ MEYNET, R., *Il Vangelo secondo Luca*, p. 406.

alguma alegria àquele que somente saboreou a miséria e a tristeza. Definitivamente, pôr em prática o programa das bem-aventuranças. Isso é o que, de fato, traz ventura, felicidade e dá sentido à vida.³⁸

4. História da influência do texto

Este texto lucano foi inicialmente comentado por Marcião e pela obra gnóstica conhecida como o Evangelho de Tomé. O primeiro centrou sua atenção na palavra “juiz” (v.14) para fundamentar uma oposição de Jesus a Moisés em Ex 2,14, reafirmando uma vez mais sua pretensa oposição entre o Deus do Antigo Testamento e o Deus misericordioso revelado por Jesus. Em âmbito gnóstico, o Evangelho de Tomé reflete o princípio de unidade a recusa de Cristo à função de repartidor da herança.³⁹

No fecundo terreno da Patrística também floresceram considerações a esta períclope de Lucas. Basílio, Ambrósio, Agostinho, Cirilo e Leão Magno utilizaram trechos para fundamentar seus sermões. Basílio de Cesareia (330-379) empregou o texto sobre o rico néscio em um sermão ético com sentido moral. Nele, diz que Deus concedeu abundância a este homem como sinal de generosidade a fim de leva-lo à filantropia humana, contudo, o mesmo não soube compreender e agir. “O pecado dos ricos é crer que os seus bens, que não são mais que dons confiados por Deus, constituem sua propriedade pessoal.”⁴⁰

Ambrósio (339-397), em suas *Exposições sobre o Evangelho de Lucas*, comentou o pedido do homem para dividir a herança dizendo que “a força conciliadora do afeto deve dividir o patrimônio entre os irmãos.”⁴¹ O bispo de Milão ainda utilizou a períclope para tratar da temática das virtudes, único tesouro que acompanha na morte, único guia para a morada celeste. Agostinho (354-430), na controvérsia donatista empregou o texto para reafirmar a unidade da Igreja. “Compara a Igreja católica a uma herança celeste que requer a unidade entre irmãos e irmãs. Esta herança,

³⁸ CASTILLO, J., A ética de Cristo, p. 153.

³⁹ BOVON, F., El Evangelio según San Lucas II, p. 354.

⁴⁰ BOVON, F., El Evangelio según San Lucas II, p. 356.

⁴¹ ODEN, T; DI BERARDINO, A., La Bibbia Comentata dai Padri, p. 297.

oferecida em vida pelo Pai, não pode ser dividida.”⁴² O *Doctor Gratiae* igualmente comentou Lc 12,13-21 para combater a cupidez. “O ventre do pobre é celeiro mais seguro da nossa colheita, conservada no céu, onde nenhum ladrão pode roubar.”⁴³ Cirilo de Alexandria (378-444) cita a perícopé também no contexto do combate à avareza e convite a uma vida bem-aventurada enquanto riqueza acumulada em Deus.⁴⁴ Leão Magno (400-461), por seu turno, ensinou a seus ouvintes a necessidade de preparação para a morte mediante o exercício das virtudes.

5. Focalização Pragmática

Neste tópico, aplicar-se-á ao texto de Lc 12,13-21 análises que consideram os efeitos pragmáticos presentes no ato comunicativo. Para tal escopo, serão de grande valia a classificação dos atos ilocutórios segundo Searle e as considerações de C. Brémond sobre as influências e os moventes empregados pelo locutor em relação ao destinatário. A centralização no caráter ilocutivo da perícopé é justificada por Dillmann levando-se em conta a propriedade essencial dos textos bíblicos de exercer influência sobre o leitor, estimulando-o à interação.⁴⁵

Atos Ilocutórios	Tipo	Versículo
Diretivo	Direto	13
Expressivo	Direto	14
Declarativo	Direto	15
Representativo		16-20 (a parábola como um todo)
Representativo		16

⁴² BOVON, F., El Evangelio según San Lucas II, p. 355.

⁴³ ODEN, T; DI BERARDINO, A., La Bibbia Comentatta dai Padri, p. 298.

⁴⁴ ODEN, T; DI BERARDINO, A., La Bibbia Comentatta dai Padri, p. 298-299.

⁴⁵ DILLMANN, R., Consideraciones en torno a la pragmática, p. 68.

Expressivo	Direto	16-19
Declarativo	Direto	20
Declarativo	Direto	21

A perícopa se abre com um ato diretivo, sinalizado no v.13 com a fala de uma pessoa situada dentro da multidão que acorreu a Jesus. Seu pedido tem um tom de exigência, de um imperativo a ser obedecido por Jesus. Por meio deste ato, segundo Obara, “o falante empenha-se (de maneira mais ou menos intensa) em conseguir que o ouvinte faça algo”⁴⁶. Jesus responde a esta requisição com um ato expressivo direto no v.14 mediante o qual recusa a tarefa de moderador ou juiz em questões relativas à divisão da herança. Há ainda um questionamento direcionado ao interlocutor a respeito do porquê o mesmo ter suposto que Jesus interviria em tal problemática. Ao empregar o ato expressivo, “o falante exprime certa disposição psicológica relativamente a um estado de coisas exposto no conteúdo proposicional”⁴⁷. Esta reação ao pedido expresso pelo solicitante serve como ocasião propícia para Jesus adicionar um ato declarativo direto, a modo de uma sentença sapiencial, sobre o perigo da avidez pelas riquezas e o verdadeiro sentido da vida.

Na sequência, com os vv.16-20, tem-se um ato representativo por parte de Jesus, com a finalidade de ilustrar o que foi dito no v.15. A parábola como um todo representa o desenvolvimento daquilo que fora expresso de maneira sintética. Entretanto, a consideração dos atos desenvolvidos no interior da narrativa parabólica, requer uma continuidade na análise dos mesmos. Assim, o v.16 se caracteriza como ato representativo, uma vez que constitui o pano de fundo da narrativa, onde se desenrolará toda a trama da parábola: “A terra de certo homem rico teve uma grande produção”.

Nos vv. 16-19 se percebe a presença de um ato expressivo direto, quando o protagonista da parábola delibera consigo mesmo sobre como

⁴⁶ OBARA, E., As ações linguísticas, p. 112.

⁴⁷ OBARA, E., As ações linguísticas, p. 113.

guardar a abundante colheita juntamente com todos os seus bens, encontra uma solução e manifesta o contentamento como uma exortação a sua alma para que descanse, coma, beba e desfrute. Nestes versículos, o protagonista da parábola manifesta sua extrema confiança na posse dos bens como garantia de um futuro longo.

Mas eis que no v.20 manifesta-se o ponto de virada da fábula. Através de um ato declarativo direto, Deus intervém no contexto, sentenciando que uma morte repentina colocará fim a este presunçoso projeto. Por este ato, “o falante altera o status de um objeto ou de uma situação pelo simples fato de proferir um enunciado.”⁴⁸ “Insensato, esta noite a tua alma te será exigida. Então o que preparaste, para quem ficará?” (v.20b). Concluindo a narrativa, a modo de uma moral da estória, Jesus faz mais um ato declarativo direto sobre a estultície de quem entesoura para si, mas não é rico para Deus.

Influências	Moventes	Versículo
Incitadora	Hedonista	13
Inibidora	Pragmático	14
Inibidora	Ético	15
Inibidora	Pragmático	16-20
Inibidora	Pragmático	21

Com a finalidade de explicitar melhor as estratégias comunicativas subjacentes ao texto de Lc 12,13-21, pode-se empregar também as considerações propostas por C. Brémond. O autor desenvolveu um sistema de análise que contempla os moventes e as influências passíveis de serem geradas no interlocutor/leitor. Ao aplicá-las à perícopes em estudo, intui-se no v.13 a presença de uma influência incitadora com um movente hedonista, pois o homem que se dirige a Jesus busca induzir

⁴⁸ OBARA, E., As ações linguísticas, p. 114.

Jesus a agir em função de sua causa. Jesus, por sua vez, responde negativamente através de um questionamento que visa inibir tal exigência e mostrar de forma pragmática que este assunto não é de sua alçada (v.14). O contexto desta recusa ao pedido do homem serve de ocasião para que Jesus manifeste no v.15 uma sentença inibidora com movente ético, ao afirmar que o sentido da vida não se erige sobre a abundância de bens materiais.

A máxima sapiencial anterior é ilustrada com a parábola dos vv.16-20, que apresenta influência inibidora com um movente de dissuasão, ou seja, visa desestimular a prática do comportamento manifesto pelo protagonista. Consequente ao exemplo, o v.21 igualmente conclui valendo-se de um movente dissuasivo, exercendo influência inibidora sobre os interlocutores.

Conclusão

A análise da perícope de Lc 12,13-21 permitiu contemplar um texto cuja coerência é assinalada pelo vocabulário referente à posse dos bens materiais. Trata-se de um tema muito importante para Lucas e guarda íntima conexão com a vida da comunidade cristã primitiva, segundo o ideal traçado por Atos dos Apóstolos. A inserção de uma demanda para que Jesus se colocasse como árbitro na divisão de uma herança serve como ocasião propícia para Lucas inserir um ensinamento e uma parábola sobre a forma correta de lidar com os bens materiais. É um exemplo por via negativa. O homem rico se fecha a Deus e ao próximo e coloca em sua fortuna o aparente sustentáculo de sua vida. Isso se constitui uma ilusão diante de Deus, o verdadeiro senhor da vida, que deseja uma relação fraterna pautada na doação da vida e na partilha dos recursos.

Lucas admite que o homem e a mulher aspiram ao bem-estar, aos bens. Esta é sua antropologia. Porém existem duas maneiras de armazenar, de colher, de entesourar; uma tem um sentido negativo e a outra um sentido positivo. Esta é a sua ética. A primeira maneira é interessada: acumula

para si, sejam quais forem os bens. A segunda maneira é desinteressada: acumula também, porém, literalmente, para Deus. Esta é sua teologia.⁴⁹

A focalização pragmática trouxe à luz algumas reflexões e sugeriu atitudes ao leitor inspiradas no texto lucano:

a) Isolamento dos afortunados que arriscam perder a salvação por sua falta de solidariedade. Rivera questiona neste tópico as opções e prioridades das culturas de consumo e acúmulo de capital que não produzem crescimento no respeito e valorização da vida individual e coletiva.⁵⁰ O homem rico da parábola alicerçou sua existência na falsa ideia de que gozaria de longa vida por causa da abundância dos bens materiais. Este autor ainda frisa o contundente alerta que Lc 12,16-20 faz ao leitor: o risco do isolamento dos afortunados, que podem perder a salvação em razão de sua falta de solidariedade.⁵¹

b) Rico para o mundo é quem vive afogado, escravizado na sua riqueza, é o gentio que tenta fundamentar a sua realidade e assegurar a sua vida naquilo que tem (bens e dinheiro). Rico para Deus é quem sabe que o homem é sempre mais do que aquilo que tem; é quem busca a sua própria plenitude na confiança, no trabalho pelos outros, o mistério do amor que Deus estende para sempre entre os homens.⁵²

c) Uma vida sem Deus: o ateísmo prático. Este tema emerge do v. 21, após a descrição parabólica do caráter egocêntrico e autossuficiente do rico. Ele “é um ateu prático que ignora a Deus em sua vida e perde assim qualquer possibilidade de vida.”⁵³ A questão se torna ainda mais pungente quando se leva em consideração o capítulo 12 em sua totalidade. Aqui, Jesus exorta seus discípulos a não temerem as perseguições, a confiarem na providência de Deus para todas as suas necessidades. No meio destes belíssimos

⁴⁹ BOVON, F., *El Evangelio según San Lucas II*, p. 353.

⁵⁰ RIVERA, J., *El buen uso de las riquezas*, p. 153.

⁵¹ RIVERA, J., *El buen uso de las riquezas*, p. 154.

⁵² PIKAZA, J., *A teologia de Lucas*, p. 91.

⁵³ RIVERA, J., *El buen uso de las riquezas*, p. 155.

discursos, Lucas insere a figura deste homem preocupado em edificar uma vida somente para si.

d) A confiança em Deus como a verdadeira segurança ante as inquietações da vida. Como corolário do tópico anterior, os bens materiais não trazem a real segurança da existência. Nos versículos 22-34, por via positiva, Jesus ensina a confiança em Deus. Comer, beber, vestir são necessidades básicas de segurança humana, contudo, quando se tornam a razão de existir de uma pessoa, transformam-se num caminho perigoso. “Não existe autêntica segurança se esta não se apoia em Deus e na consciência aguda de sua solicitude paternal.”⁵⁴

e) Ética social: nossa atitude e responsabilidade frente ao dinheiro. Lucas, em toda a sua obra, enfatiza a atitude de desapego que o discípulo deve ter frente aos bens materiais. Eles são meios e não finalidade da existência. Devem ser utilizados enquanto dons de Deus a serem partilhados. O evangelista lança sólidos fundamentos para uma ética social.

Se os leitores, se o rico do evangelho e seus cálculos não são somente os de um indivíduo isolado de uma história simplista, passada e imaginária, mas são os Estados, as entidades financeiras, as estruturas sociopolíticas e socioeconômicas, os centros de poder em diversos níveis, então o texto se torna todavia mais eloquente.⁵⁵

f) Dinheiro: meio de comunhão fraterna – um desafio e questionamento sempre novos; nova mentalidade e atitudes. Por isso, frente ao dinheiro e tudo o que o mesmo traz consigo, Lucas aponta aos discípulos, seguidores do Caminho, uma disposição fundamental. “Permanecer vigilantes ao longo de toda a vida, com o fim de assumir diariamente a dinâmica que existe entre seu serviço exclusivo a Deus e a administração dos seus bens.”⁵⁶ A mensagem desta

⁵⁴ RIVERA, J., *El buen uso de las riquezas*, p. 156.

⁵⁵ RIVERA, J., *El buen uso de las riquezas*, p. 158.

⁵⁶ RIVERA, J., *El buen uso de las riquezas*, p. 159.

perícope é bem clara ao se considerar o retrato da comunidade na obra lucana em At 2, 42-47: união, reconciliação, solidariedade e abertura a Deus constituem o ideal cristão.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Brasília: CNBB, 2022.
- BOVON, F. **El Evangelio según San Lucas II**: Lc 9,51-14,35. Salamanca: Sígueme, 2012.
- CASALEGNO, A. **Lucas: a caminho com Jesus missionário**. São Paulo: Loyola, 2003.
- CASTILLO, J. **A ética de Cristo**. São Paulo: Loyola, 2016.
- CHRUPCAŁA, L.D. **Il Vangelo di Luca: analisi sintattica**. Milano: TerraSanta, 2018.
- DELLING, G. *πλεονέκτης, πλεονεκτέω, πλεονεξία*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Grande lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1975. vol. X. p. 585-608.
- DILLMANN, R. Consideraciones en torno a la pragmática. In: MORA PAZ, C.; GRILLI, M.; DILLMANN, R. **Lectura pragmatológica de la Biblia: teoría y aplicación**. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1999, p. 59-74.
- FINKENRATH, G. Avareza, ganância, amor ao dinheiro. In: BROWN, C.; COENEN, L. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 169-171.
- FITZMYER, J. **El Evangelio según Lucas III**: Traducción y comentario capítulos 8,22-18,14. Madrid: Cristiandad, 1987.
- GARLAND, D. **Zondervan exegetical commentary series on the New Testament: Luke**. Michigan: Grand Rapids, 2011.
- GREEN, J. **The gospel of Luke**. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

GRILLI, M. **Vangeli sinottici e Atti degli apostoli**. Bologna: EDB, 2016.

GUIDI, M. A questão contextual: a influência do contexto sobre o texto. In: GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 57-91.

GUIMARÃES, A. **O encontro na viagem de Jesus rumo a Jerusalém (9,51-19,46) e a cultura do encontro nas viagens de Francisco: uma epifania no Reino**. São Paulo, 2021. Dissertação de Mestrado em Teologia Bíblica. Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LÀCONI, M. **San Lucas y su iglesia**. Estella; Navarra: Verbo Divino, 1987.

LASOR, W. **Gramática sintática do grego do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

LOCKMANN, P. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. Rio de Janeiro, 2009. Tese de Doutorado em Teologia Bíblica. Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MASINI, M. **Luca: il Vangelo del discepolo**. Brescia: Queriniana, 1997.

MATEOS, J. **El aspecto verbal en el Nuevo Testamento I**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1977.

MEYNET, R. **Il Vangelo secondo Luca: analisi retorica**. A cura di L. Sembrano. Roma: EDB, 1994.

NOBLE, J. **“Rich toward God”**: making sense of Luke 12:21. *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 78(2), 2016, p. 302–320. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/43901042>> Acesso em: 25 mai. 2023.

OBARA, E. As ações linguísticas: a influência do texto sobre o contexto. In: GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 93-127.

ODEN, T.; DI BERARDINO, A. **La Bibbia Comentatta dai Padri.** Nuovo Testamento 3: Luca. Roma: Città Nuova, 2006.

PIKAZA, J. **A teologia de Lucas.** São Paulo: Paulinas, 1985.

RIVERA, J. El buen uso de las riquezas: Lc 12,13-21. In: GRILLI, M.; LANDGRAVE GÁNDARA, D.; LANGNER, C. (Eds.). **Riqueza y solidaridad en la obra de Lucas.** Estella; Navarra: Verbo Divino, 2006, p. 133-162.

ROSSÉ, G. **Il Vangelo di Luca:** commento esegetico e teologico. Roma: Città Nuova, 2001.

SPINETOLI, O. **Luca:** il Vangelo dei poveri. Assisi: Cittadella, 1999.

TANNEHILL, R. **The narrative unity of Luke-Acts a literary interpretation:** the Gospel according to Luke. Philadelphia: Fortress, 1986.

WOLTER, M. **The Gospel According to Luke:** Volume II (Luke 9:51-24). Texas: Baylor University, 2016.

Adriano Lazarini Souza dos Santos

Mestre em Teologia Bíblica pelo Departamento de Teologia da
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Paraná / PR – Brasil
E-mail: adrianoadrn@gmail.com

Recebido em: 30/08/2023

Aprovado em: 16/04/2024